

O DIGITAL E A VIVÊNCIA DA FÉ

(re)descobertas em tempos de pandemia

Dr. Moisés Sbardelotto*

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.15>

Recebido: 24 de fevereiro de 2019 | Aprovado: 11 de junho de 2019

Resumo: A pandemia do coronavírus transformou a vida e a prática da Igreja de diversos modos. Diante da suspensão de missas e de outros encontros eclesiais em várias dioceses e paróquias do mundo inteiro, a comunidade cristã voltou seu olhar e suas energias para o ambiente digital. Por isso, é importante atentar e refletir sobre algumas questões comunicacionais que surgem diante deste “sinal dos tempos” da pandemia e que incidem sobre a relação entre a Igreja e o ambiente digital. Este artigo destaca quatro pontos específicos que apontam para (re)descobertas no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital: a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; de comunicação e relação; de participação e presença; e de comunidade. Como conclusão, aponta-se que o maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementariedade, da interligação, buscando promover uma complexa ecologia comunicacional pastoral e também litúrgica.

Palavras-chave: Internet. Mídias digitais. Comunicação. Vivência da fé. Liturgia.

* Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio de pesquisa (bolsa PDSE/Capes) na Università di Roma “La Sapienza”, na Itália. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, onde realiza estágio pós-doutoral (bolsa Fapergs/Capes). Seu livro mais recente é “Comunicar a Fé: Por quê? Para quê? Com quem?” (Vozes, 2020). Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Participou da Comissão Especial para o “Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil”, aprovado pela CNBB em 2014. De 2008 a 2012, coordenou o escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial (*Stiftung Welthethos*), fundada por Hans Küng. Email: msbardelotto@yahoo.com.br

Introdução

Em tempos de isolamento e confinamento, a Igreja, nas suas várias expressões, se viu desafiada a ser mais “ousada e criativa” ao repensar o estilo e os métodos evangelizadores (cf. EG 33). A pandemia do coronavírus está transformando a vida e a prática da Igreja de diversos modos. Diante da suspensão de missas e de outros encontros eclesiais em várias dioceses e paróquias do mundo inteiro – começando pelo Vaticano, em que as celebrações litúrgicas do próprio Tríduo Pascal não foram abertas ao público – a comunidade cristã voltou seu olhar e suas energias principalmente para o ambiente digital.

Em muitos países, Estados e cidades que fecharam praticamente tudo, a Igreja pôde continuar sendo – e talvez até mais – “em saída”, como pede Francisco. Desta vez, porém, pelas “estradas digitais”, que, como diz o papa na sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) de 2014, também estão “congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança”.

João Paulo II também já dizia que “a internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização” (DCMS 2002). Seu sucessor, Bento XVI, afirmava que “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas” e, por isso, “se a Boa Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos” (DMCS 2013).

Hoje, o Papa Francisco também reitera que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”. Segundo ele, “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (DMCS 2014).

Neste momento inédito e histórico na vida da Igreja e das religiões em geral, entretanto, muitas vezes houve aproximações apressadas ou distanciamentos receosos ao ambiente digital. Isso dificulta que a pastoral, no caso cristão, se “encarne” com mais profundidade na cultura emergente. Por isso, é importante atentar e refletir sobre algumas questões comunicacionais que surgem diante deste “sinal dos tempos” da pandemia e que incidem em aspectos teológicos, eclesiológicos e pastorais da relação entre a Igreja e o ambiente digital. O pensamento do Papa Francisco, especialmente em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, contribui nesse sentido.

Neste artigo, destaco quatro pontos específicos que apontam para (re)descobertas ou que demandam (re)significações no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital: a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; de comunicação e relação; de participação e presença; e de comunidade. Especialmente em tempos de isolamento social, por meio da conexão em redes digitais, essas experiências são vivenciadas de formas inovadoras, e, portanto, o modo como a Igreja as pensa e as enuncia também precisa ser problematizado.

1 As mediações tecnológicas da liturgia

A combinação entre o distanciamento exigido pela pandemia e o fenômeno digital escancarou as casas ao mundo, fazendo com que as pessoas fossem convocadas ao “céu aberto” da comunicação, inclusive para viver uma nova eclesialidade (*ekklesia*, do grego, “chamar para fora”), ressignificada pelo fechamento dos templos e pela conectividade das redes. Essa conjuntura problematizou não só a compreensão da fé, mas também a sua própria experiência, a partir de novas mediações tecnológicas.

Entretanto, em todo tempo e lugar, e para toda pessoa, a experiência de fé sempre ocorre mediada. Como afirma o Evangelho, “ninguém jamais viu a Deus; o Filho [...] foi quem o deu a conhecer (revelou, contou, narrou)” (Jo 1,18). Ou seja, a experiência da fé cristã nasce mediada desde a sua origem, pelo encontro com a existência humana de Jesus. Com o seu corpo, os seus gestos, os seus discursos, a sua história, a sua cultura. E, por sua vez, a pessoa que faz essa experiência a faz pela mediação do seu próprio corpo – seus afetos, sentimentos, sensações.

Ao longo da história humana, há também uma série de outras mediações da experiência de fé. “A nossa relação imediata com o rito nunca é tão direta como pensamos. Ela é, por sua vez, mediada por *media* mais escondidas, mais antigas, mas igualmente eficazes, que se chamam catecismo, teologia, espiritualidade, devoção”¹.

E há também mediações propriamente técnicas e tecnológicas. Trata-se de artifícios e artificialidades que não são “naturais”, mas inventados pelas pessoas na relação que estabelecem entre si e com o sagrado. Os gestos, a fala, a linguagem, os símbolos, os objetos, a arte, a arquitetura, a música, a escrita, a imagem, o digital: é mediante essa “complexa ecologia comunicacional”, na qual “tudo está estreitamente interligado” (*Laudato si'*, n.16), que a experiência de fé se torna possível.

O ser humano, portanto, emerge historicamente não apenas como *religiosus*, mas também como *technologicus* – e, hoje, até como *homo digitalis*. Essa articulação entre a dimensão religiosa e a dimensão tecnológica é constitutiva da experiência religiosa. E a liturgia também revela uma importante dimensão comunicacional e tecnológica, que o digital não “inventa” *ab*

1 Andrea GRILLO, “Spazio e tempo 3.0: affinità e incomprensioni fra tradizione ecclesiale e multimedialità.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.19, tradução nossa.

ovo, mas apenas explicita de forma mais evidente e complexa².

Portanto, é preciso também olhar de forma mais complexa para a “ecologia tecnocomunicacional” em que a liturgia, em sentido amplo, é praticada e vivida hoje. As mídias digitais podem até “reconciliar os sujeitos e as comunidades com o uso diferenciado da linguagem. A *experiência de complexidade* de que o rito tem necessidade constitutivamente *é ampliada antes que reduzida* pelas *new media*”, graças à sua multimedialidade e a “formas complexas de participação, nas quais palavra, música, movimento colaboram em raiz”³. Trata-se, como continua o autor, de “novas formas de experiência, que modificam os hábitos, as linguagens e as ideias dos homens e das mulheres”.

2 Comunicação e relação, não apenas transmissão, encenação ou exibição

Circula nas redes um *meme* que, em tom bem-humorado, revela um pouco a experiência durante o tempo de isolamento social: “Tenho medo de abrir a geladeira e ter uma ‘live’ lá dentro”, isto é, mais uma transmissão ao vivo...

Isso também vale para a Igreja. Diante do ineditismo do “confinamento litúrgico”, a resposta quase automática de inúmeras dioceses, paróquias e movimentos foi promover mais transmissões de missa ou outros momentos de reflexão, formação e oração via TV, rádio e internet. Em muitos casos, percebe-se um esforço muito grande, por parte de padres, religiosos/as ou leigos/as, muitas vezes diante de limitações tecnológicas várias, para que tais ambientes de encontro possam ser oferecidos e, assim, se consiga superar o isolamento e encurtar as distâncias.

2 Norberto VALLI, “Liturgia e tecnica: storia di amore e diffidenza.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.14-18.

3 GRILLO, op. cit., p.23, grifo e tradução nossos.

As potencialidades do digital, por outro lado, podem trazer consigo alguns riscos para a vida de fé. Como, por exemplo, o de fomentarem um certo automatismo e simplismo das respostas pastorais diante de um cenário sem precedentes como o atual. Assim, no afã de transmitir celebrações e ritos, corre-se o risco de transformar a celebração da missa em um mero espetáculo, em uma “encenação” a ser exibida. E ainda de esquecer que há uma pessoa do outro lado da tela, que também é chamada a participar “ativa e efetivamente” da liturgia, mesmo que a distância.

O risco, em suma, é ignorar o “outro” em sua humanidade. Busca-se uma conexão, mas evitando ou dispensando o contato. Assim, a outra pessoa passa a ser considerada como uma mera “espectadora” apassivada, coisificada, como um “número” a mais a ser contabilizado pelos índices de audiência e de visualização. Nas celebrações transmitidas, cabe especialmente aos presbíteros tomarem consciência de que o que estão celebrando não é uma “missa privada”. O *Código de Direito Canônico* deixa bem claro que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da própria Igreja [...] ou seja, o povo santo” (cân. 837).

Também não são apenas um “monólogo encenado” diante das câmeras e performatizado única e exclusivamente pelo padre. Entretanto, percebe-se, em muitos vídeos e subsídios religiosos disponibilizados nas redes nesse período, a explicitação de uma certa autorreferencialidade, que chama a atenção apenas para seus próprios autores, na busca de aumentar a visibilidade pessoal ou institucional. Junto com isso, muitas vezes, manifesta-se ainda um “clericalismo midiático”, senão até um “exibicionismo clericalista”, em que toda a comunicação pastoral em rede gira em torno do padre ou da celebração da missa (também centrada no padre).

Pelo contrário, a celebração da eucaristia, como afirma a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR), é sempre “ação de toda a Igreja” (n.5). Trata-se de um gesto comunitário,

presidido pelo presbítero, mas celebrado conjuntamente pelo povo, por pessoas concretas, de carne e osso, que, no ambiente digital, estão presentes a distância e precisam ser levadas em consideração para poderem participar ativamente do rito. Ainda mais em rede, é preciso que se “estimule a ação de toda a comunidade” na celebração (IGMR 35).

Portanto, mais do que um foco estreito na transmissão, é preciso levar em conta o processo comunicacional e interacional que se estabelece no ambiente digital. Isso não significa menosprezar a qualidade técnica da transmissão: pelo contrário, ela é fundamental para auxiliar o fiel a vivenciar o rito e a experimentar a graça de Deus. Contudo, mais importante ainda é possibilitar a construção de relações interpessoais em rede, e não apenas reunir “pessoas para ouvir” e “pessoas para ver”.

Embora sabendo que há alguém “diante de mim” (neste caso, do outro lado da câmera e da tela), o foco na mera transmissão e em seus aspectos técnicos pode deixar de lado justamente a necessidade de estabelecer em rede uma relação humanizada e humanizante com pessoas humanas. Como afirma Francisco, “o panorama atual convida-nos, a todos nós, a investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade” (DMCS 2019).

Para isso, é preciso *ir ao encontro, escutar e dialogar* com as pessoas que estão do outro lado da tela e com quem a Igreja busca se comunicar: quem são? O que desejam, o que buscam, de que precisam? Como fomentar que elas também possam ser ouvidas, especialmente neste tempo de tantas dúvidas e angústias? Como possibilitar que elas também possam comunicar algo sobre a fé? De que modo podemos potencializar a sua voz com nossos meios (serviços, aplicativos, plataformas etc.)?

Particularmente nestes tempos, portanto, é preciso ousadia e criatividade pastorais, mas sempre voltadas para o bem do outro

e da comunidade. É melhor evitar avançar tecnologicamente se isso significa retroceder teológica e eclesialmente, por falta de discernimento. Isso se reflete no modo como aquilo que vem sendo transmitido é *anunciado e enunciado*.

3 Participação e presença, não mera assistência, audiência ou ausência

O digital traz à tona os limites da nossa linguagem, especialmente em relação ao modo como conseguimos ou não expressar novas experiências humanas e sociais trazidas pelo processo de digitalização. Mas, principalmente, os limites da própria linguagem eclesial ao tentar expressar aquilo que se faz e se diz liturgicamente.

Durante o tempo de isolamento social, a Igreja se viu obrigada a estabelecer um “confinamento litúrgico”. Foi o caso da Prefeitura da Casa Pontifícia, que, durante a Quaresma deste ano, avisou em seu site que, “devido ao atual estado de emergência sanitária internacional, todas as Celebrações Litúrgicas da Semana Santa realizar-se-ão sem a presença física de fiéis”.

Várias dioceses brasileiras também publicaram notas e decretos dispensando os fiéis da obrigatoriedade de “participar fisicamente” das celebrações dominicais em suas comunidades. Outros documentos afirmavam ainda que as celebrações seriam feitas “sem povo” (*sine populo*). Em todos esses casos, frisava-se que a participação poderia ocorrer por meio das transmissões ao vivo de tais celebrações em sites, redes sociais digitais, TVs e rádios.

É importante lembrar que a IGMR indica três formas diferentes de celebração da missa:

- 1) a “missa com povo”,
- 2) a “missa concelebrada” e
- 3) a “missa com assistência de um só ministro”.

Portanto, neste tempo inédito, a Igreja propôs a celebração desta última, entendida, de acordo com a IGMR, como a “missa celebrada por um sacerdote, ao qual assiste e responde um só ministro” (n.252), mas agora transmitida pelas mídias.

A CNBB chegou até a publicar algumas indicações sobre “como se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus”. Sugeriu-se, por exemplo, preparar a própria casa e criar um “ambiente celebrativo” e se convidava a participar “ativa e efetivamente” da liturgia transmitida pelos meios de comunicação. Essa conscientização é importante, pois a mera conexão não significa necessariamente participação. Não se trata de uma ação automática: para participar, é preciso agir ativamente, conscientemente. E, para isso, é preciso educar pedagogicamente os fiéis para essas novas formas de participação, a fim de evitar um “risco mais alto de retorno à *privatização* do ato e do texto”⁴ litúrgicos em geral.

Entre o que se diz e o que se faz, portanto, surge um paradoxo: se uma missa “sem povo” ou “sem a presença de fiéis” é transmitida ao vivo justamente para que o povo e os fiéis possam *participar “ativa e efetivamente”*, é possível continuar afirmando a *ausência* desse mesmo povo? Será que a mediação digital permite uma forma de presença ou, pelo contrário, reforça a ausência do povo? As tecnologias “*despresencializariam*” o contato humano?

Especificar que se trata de uma ausência da presença “física” também não resolve o problema. Se a presença não é física, de que tipo ela é? Espiritual? Psíquica? Mental? Mística? Mas todas essas presenças não são também perpassadas sempre por uma experiência corporal, material, tátil, sensível, em suma, física? Ao estabelecermos um “*con-tato*” em rede, deparamo-nos com novas experiências de “tato”, em que não abrimos mão de nossos corpos, afetos, sensações, sentimentos.

4 GRILLO, op. cit., p.22, grifo e tradução nossos.

Francisco mesmo já afirmou: “O uso da *social web* é complementar ao encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então ela não trai a si mesma e permanece como um recurso para a comunhão” (DMCS 2019).

Exemplo disso foi o histórico momento de oração extraordinário ministrado pelo Papa Francisco no dia 27 de março, na Praça de São Pedro, no Vaticano. Uma experiência que também nos leva a repensar o que entendemos por *presença* e *participação*.

Quando havia convidado para esse momento de oração, no Ângelus do dia 22 de março, Francisco lembrou que o rito seria celebrado com a praça vazia, devido à pandemia. E disse: “Convido todos a participarem espiritualmente através dos meios de comunicação”. E essa participação envolvia até a possibilidade de receber uma indulgência plenária junto com a bênção *Urbi et Orbi*. Ou seja, não era uma mera “assistência” ou “audiência” dos gestos e das palavras do papa, mas algo mais profundamente ativo por parte de quem acompanhasse o rito pelas mídias.

Portanto, embora as pessoas não estivessem “lá” fisicamente, certamente estavam presentes em oração a partir dos mais variados pontos cardeais do globo e participaram *com todo o seu corpo* dessa experiência de fé, “tocadas” fisicamente por aquilo que estavam vendo, ouvindo e sentindo pelos meios de comunicação.

Apenas para dar uma dimensão disso, calcula-se que a área da Praça São Pedro pode reunir “fisicamente” cerca de 300.000 pessoas. Naquela sexta-feira, durante a homilia do papa, estavam reunidas pela transmissão do Vatican News no YouTube mais de 84.000 pessoas na conta em italiano, 170.000 na conta em português, 270.000 na conta em inglês, 520.000 na conta em espanhol. Mais de 1 milhão de pessoas. Isso sem falar

das contas em outros idiomas e de todos os outros milhões de pessoas que acompanhavam por outros sites, pelas redes sociais digitais e por canais de TV e de rádio espalhados em todo o planeta (os jornais italianos noticiaram que apenas o canal RaiUno reuniu mais de 8,6 milhões de espectadores, apenas na Itália, durante o rito⁵).

Portanto, mesmo em nossas conexões em rede, mediados por tecnologias digitais, estamos todos *fisicamente presentes* – em pontos geográficos diferentes. Ou seja, o ambiente digital subverte a noção de “espaço” e de “lugar”. O papel dos próprios “templos de pedra” passa por uma transformação.

Historicamente, em diversas tradições religiosas, o templo era considerado como um *axis mundi* – eixo, pilar, centro do mundo –, um ponto específico no espaço geográfico que dava acesso a uma “abertura” aos céus, ao “mundo dos deuses”. Ou seja, um espaço sagrado. Daí a importância do Templo de Jerusalém, da Basílica de São Pedro, da Grande Mesquita de Meca, dentre outros.

Na internet e nas redes digitais, porém, o templo se torna ubíquo, seu acesso é público e se dá por toda parte. Em um mundo conectado, em que todo e qualquer ponto dá acesso à rede, o “centro do mundo”, espaço sagrado por excelência, não está mais localizado em um ponto geográfico, mas se encontra em qualquer lugar onde se tenha acesso à internet e às redes digitais. Agora, o “centro” é aqui – onde quer que seja, onde quer que se esteja⁶.

Entendemos que a afirmação da “ausência” se refere ao fato de os fiéis não estarem no mesmo lugar geográfico que o ministro que preside a celebração. O risco, porém, é que tal linguagem leve a pensar que a referência central da celebração da missa ou até da vida da Igreja é o padre ou os clérigos em

5 Cf. La Repubblica, 28 mar. 2020, disponível em: <<https://bit.ly/3bVNIU9>>.

6 Moisés SBARDELLOTTO, *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

geral. Entretanto, em toda a liturgia, Cristo é o “único Mediador” (IGMR 5), que congrega a assembleia ao seu redor. A celebração da missa é sempre uma “ação de Cristo e do povo de Deus” (IGMR 16), por meio do “sacerdócio ministerial próprio do presbítero” e, ao mesmo tempo, do “sacerdócio real dos fiéis” (IGMR 4-5).

Durante o isolamento, o povo de Deus continuou podendo se reunir em torno do altar, “centro de toda a liturgia eucarística” (IGMR 73) e “centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia” (IGMR 299), onde quer que ele esteja. A diferença agora é que isso ocorre graças a novas formas de *presença física* e de *participação ativa*, mesmo que a distância, possibilitadas pelos meios digitais.

Portanto, se convidamos o povo para participar a distância de missas anunciadas como “sem povo” ou “sem presença (física) de fiéis”, há toda uma teologia e uma eclesiologia a serem repensadas, especialmente em relação a quem verdadeiramente celebra a liturgia e a quem compõe a assembleia celebrante e celebrativa. Isso nos leva a repensar o que entendemos por comunidade, em tempos de redes digitais.

4 Comunidades em rede, não mera conexão de indivíduos

Nesse período de “isolamento social”, a relação com os irmãos e irmãs de caminhada de fé ganhou uma nova importância. Foi um tempo para reconhecer ainda mais fortemente que – de perto ou a distância – “para ser eu mesmo, preciso do outro”, como afirma Francisco (DMCS 2019).

Por isso, este é um bom momento para perceber que uma comunidade é mais do que uma mera congregação de indivíduos. A missão cristã não é fomentar um “individualismo conectado”. Ao contrário, uma comunidade é, principalmente,

uma “rede solidária”, como afirma o papa, que “requer a escuta recíproca e o diálogo, baseado no uso responsável da linguagem” (DMCS 2019).

Assim, para promover uma boa “pastoral digital”, é importante levar em conta três premissas fundamentais:

1) Embora mediados por máquinas, há sempre um “outro” do outro lado da tela, uma pessoa, um ser humano. Tudo o que a Igreja faz pastoralmente em rede deve considerar o “rosto” dessa pessoa com quem ela se comunica, as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias.

2) O objetivo principal de uma pastoral no ambiente digital – mais do que “bombardear mensagens religiosas”, como diz o Papa Francisco (DMCS 2014) – é justamente fortalecer as relações com pessoas de carne e osso presentes em rede e, com elas, formar comunidade, a partir do “comum” que as une entre si e com a Igreja, colaborando na construção da comunidade eclesial.

3) Essa comunidade, também em rede, por melhores e mais aperfeiçoadas que sejam as técnicas e tecnologias utilizadas, não é convocada e congregada pelo comunicador cristão, por maiores que sejam os seus esforços e por melhores que sejam as suas qualidades, mas sim pelo próprio Deus, que toma a iniciativa desse encontro e de cuja comunicação somos meros “prolongadores” (cf. São Paulo VI, *Ecclesiam suam*).

A Igreja da América Latina do século passado ofereceu ao mundo um dos principais frutos do Concílio Ecumênico Vaticano II, as comunidades eclesiais de base (CEBs), um novo modo de ser Igreja e de experimentar a comunidade. Hoje, poderíamos dizer que estamos diante do surgimento de verdadeiras “comunidades eclesiais digitais” (ou CEDs)⁷. Estas atualizariam, com outros “meios” e em outros “ambientes”, a

7 SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

mesma busca e necessidade de experiência religiosa, de vínculo interpessoal e também de cidadania eclesial, especialmente para leigos e leigas que agora encontram na rede um espaço de autonomia (infelizmente, com suas inúmeras distorções e extremismos também).

As CEDs, assim como as CEBs históricas, apontam para uma eclesialidade “nova-ainda-não-experimentada” em meio às variações históricas das formas comunitárias da Igreja. O ambiente digital, assim, diante do ineditismo deste momento histórico para a Igreja, possibilita novas formações eclesiais e comunitárias em rede, muitas vezes, ultrapassando as configurações espaço-temporais da estrutura eclesiástica local (paróquia, diocese etc.). Isso aponta para uma busca de relações *outras* em ambientes *outros*, criando e até inventando, positivamente, experiências de vivência e comunicação da fé.

Conclusões

Para superar a mera assistência/audiência, a mera transmissão e o mero individualismo em rede, é preciso buscar formas que permitam um verdadeiro encontro, uma verdadeira escuta e um verdadeiro diálogo – como fez Jesus com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35) – com as pessoas que se conectam com as redes digitais da Igreja.

O maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementariedade, da interligação. Se o digital não se opõe ao “real”, é preciso buscar promover uma *complexa ecologia comunicacional pastoral e litúrgica*, na qual “tudo esteja estreitamente interligado” (LS 16). Para isso, em primeiro lugar, é preciso ter sempre em mente “por que” e “com quem” a Igreja faz todos os seus esforços comunicacionais. O “lugar” de encontro muda de acordo com as pessoas e os tempos e hoje ganha novos sentidos e desdobramentos no ambiente digital. “Onde dois ou mais

estiverem reunidos em meu nome, Eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). O importante não é o “onde”, mas sim reunir-se em comunidade em nome de Jesus – seja em rede ou fora dela.

“Encarnar digitalmente” a ação evangelizadora significa reconhecer que, também em rede, “o amor de Cristo nos uniu” como irmãos e irmãs, e que “Ele está no meio de nós” mesmo quando estamos a distância e mediados por aparelhos eletrônicos.

Referências Bibliográficas

GRILLO, Andrea. “Spazio e tempo 3.0: affinità e incomprensioni fra tradizione ecclesiale e multimedialità.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.19-23.

VALLI, Norberto. “Liturgia e tecnica: storia di amore e diffidenza.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n. 338, jan./fev. 2020, p.14-18.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.